

IMAGENS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E SALA DE AULA: MEMES COMO PROPOSTA DE LETRAMENTO VISUAL/DIGITAL

Rossana Furtado¹

Karina Fadini²

Zirlene Effgen³

Resumo: Vivemos na sociedade do espetáculo (DEBORD, [1967] 1997), em que imagens (res)significam subjetividade e coletividade, tornando mais tênue a fronteira entre privado e público ao provocar a espetacularização do sentir (FURTADO, 2015). Esse fator provocou um emocionalismo despertado pelo fascínio com as imagens (SODRÉ, 2006), que se espalham e ganham força nas redes sociais. Coadunamos com a visão do Círculo de Bakhtin de que o discurso é a língua nas relações concretas entre os sujeitos nas interações verbais, com fios ideológicos e dialógicos com os quais os discursos interagem. Os memes surgem nesse contexto como um fenômeno discursivo baseado na ironia que fascina interlocutores imersos nas redes sociais. Propomos esse gênero para o ensino e aprendizagem de línguas, por concordarmos com Mizan (2014) sobre o letramento visual na mídia em tempos de tecnologia, e percebemos-nos numa era mais visual do que linguística. Assim, propomos uma problematização por meio de uma prática de letramento visual, crítico e digital, a fim de possibilitar que leitores (principalmente, professores e alunos) reflitam as possibilidades discursivas que podem envolver as atividades do cotidiano, rumo à formação de cidadãos efetivamente letrados, para além da alfabetização.

Palavras-chave: Letramento visual, crítico e digital. Memes.

Abstract: We live in the society of spectacle (DEBORD, [1967] 1997), where images (res)signify subjectivity and collectivity, blurring the boundary between private and public by provoking the spectacularization of feeling (FURTADO, 2015). This factor provoked an emotionalism aroused by the fascination with images (SODRÉ, 2006), which spread and gain momentum in social networks. We fit in with Bakhtin Circle's view that discourse is language in concrete relations among subjects in verbal interactions, with ideological and dialogical threads with which discourses interact. Memes emerge in this context as a discursive phenomenon based on the irony that fascinates interlocutors immersed in social networks. This paper suggests this genre for language teaching and learning, as we agree with Mizan (2014) on visual literacy in the media at a time of technology, and we find ourselves in a more visual rather than linguistic era. Thus, we propose a problematization through the practice of visual, critical and digital literacy, in order to enable readers (mainly teachers and students) to reflect the discursive possibilities that may involve daily activities, towards the formation of effectively literate citizens, beyond alphabetical literacy.

Keywords: Visual, critical, and digital literacy. Memes.

¹ Secretaria de Educação do Espírito Santo, Escola SEB, Vila Velha, ES, Brasil. rossanafurtado@hotmail.com

² Instituto Federal do Espírito Santo, Colatina; Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. kfadini@gmail.com

³ Faculdade Centro Leste, Serras, ES, Brasil. profzirlene@gmail.com

Introdução

O alto grau de disseminação e consumo de imagens corrobora para que possamos ser chamados de Sociedade do Espetáculo, como dito por Guy Debord, em 1967, o que nos parece se encaixar perfeitamente com o que presenciamos no nosso dia a dia. O espetáculo das imagens inunda nossos olhos, por onde quer que os viremos. E o crescimento rápido das tecnologias faz avançar proporcionalmente o tratamento dado ao visual. Nos cinemas com 3D, por exemplo, não mais apenas assistimos ao filme, mas é como se entrássemos dentro dele. Suas personagens, os elementos de sua paisagem, os objetos de cena, tudo parece estar bem à nossa frente e virtualmente ao nosso redor, e a sensação é de que se pode tocá-los. As imagens espetaculares despertam em nós não apenas mais o sentido da visão, mas (de certa forma) o sentido do tato, mexendo de maneira mais profunda com nossas emoções. Para o autor, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14).

Ao mesmo tempo, a virada cognitivista trouxe a ideia da “inteligência emocional”, que, segundo Sodré (2006), tem a ver com uma inteligência que se pontua não na racionalidade cognitiva, mas nos “afetos”, ligando o corpo e a consciência. “Trata-se, assim, tanto da emoção enquanto percepção direta dos estados corporais quanto do emocionalismo, ou campo próprio do amor, da raiva, da alegria, da tristeza, das diversas paixões” (p. 31). Podemos associar esse emocionalismo⁴ que aflora em nossa sociedade com o fascínio pelas imagens. Muito mais emotivas do que o discurso verbal, elas despertam sentimentos ao primeiro olhar; elas trabalham com a parte emocional do ser, mesmo que seja de forma irônica, como nos memes, esse novo gênero discursivo que surge nas redes sociais e que pode ser considerado como um fenômeno discursivo, como veremos mais adiante.

Da mesma forma, Mizan (2014, p. 271) nos diz que “vivemos em um período que é mais visual do que linguístico, pois a Mídia, e principalmente a Nova Mídia, promove a representação e a expressão visual como forma de comunicação”. Muitos são os gêneros discursivos que surgem nessa nova era digital e se utilizam das imagens como base na sua dinâmica arquitetônica (BAKHTIN, 2017a), como os *gifs*, os vários tipos de *posts*, os memes, entre outros. Para esse artigo, adentraremos na questão dos memes, pensando nesse gênero como uma excelente possibilidade pedagógica, já que se mostra fortemente presente e compartilhada entre os

⁴ Vale ressaltar que esse mesmo emocionalismo pode ser facilitador do fatídico crescimento da crença popular em notícias falsas lançadas nas mídias.

adolescentes e jovens de nossa sociedade líquida (BAUMAN, 2001), que tanto prima pelo espetáculo.

Uma vez que os memes disparados nas redes sociais se mostram também como uma forma de crítica aos acontecimentos atuais de nossa sociedade, propomos um trabalho não só visual-interpretativo, mas enviesado em pedagogias críticas. Afinal, o contexto sócio-histórico e ideológico e o fundo aperceptível — o não dito, mas que se encontra ao redor (BAKHTIN, 1998, VOLOCHÍNOV, 2013) — precisam ser considerados em todo e qualquer discurso, e isso não poderia ser diferente com a produção/interpretação dos memes.

Discurso como acontecimento social

Coadunamos com a visão do Círculo de Bakhtin de que o discurso é a língua nas relações concretas entre os sujeitos nas interações verbais que acontecem na concretude da vida. E é por intermédio dos discursos que nos pronunciamos, em nossos atos responsáveis, que interagimos com o outro e com nós mesmos, em nossos pensamentos, ao que chamamos de discurso interior (BAKHTIN, 1988, 2017a, 2017b; VOLOCHÍNOV, 2017). Dessa forma, a língua é muito mais do que um instrumento de comunicação, ela é a prática social que nos faz *ser* na sociedade.

Todo discurso é dialógico por natureza. O dialogismo se estabelece de duas maneiras: nas relações que o discurso estabelece com outros discursos e nas relações entre os sujeitos da interação verbal. Nenhum discurso é inédito, a não ser se pensarmos na existência do Adão mítico, que teria pronunciado o primeiro discurso pela primeira vez (BAKHTIN, 2017a). As associações interdiscursivas são premissas de todo discurso, uma vez que cada discurso é atravessado, perpassado por discursos outros já circulantes na sociedade e, somente levando isso em consideração, é que se pode perceber os efeitos de sentido despertados nos interlocutores. Esse entrelaçamento dos discursos pode tanto ser de forma implícita quanto explícita, o que é comumente chamado de intertextualidade (BRAIT, 1996).

Somos sujeitos sócio-históricos, marcados ideologicamente, e cada um tem o seu horizonte social que nos remete ao nosso posicionamento ideológico dentro das inúmeras possibilidades que regem a sociedade. Os discursos são fios ideológicos que tecem a teia das relações sociodiscursivas ressonantes das múltiplas ideologias que compõem a cadeia verbal. A ideologia dominante é a que se destaca na base (infraestrutura), dando a forma para superestrutura, que reage aos

entrelaçamentos da base num movimento dialógico e dialético (BAKHTIN, 2006; VOLOCHÍNOV, 2017).

Para o Círculo de Bakhtin, para além da ideologia dominante, há as ideologias do cotidiano que permeiam o dia a dia dos sujeitos, fornecendo o fomento para as relações sociais. Volochínov (2013, p. 151), em suas considerações, propõe por ideologia do cotidiano

[...] todo conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva — e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas. A ideologia cotidiana dá significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados "conscientes". Do oceano instável e mutável da ideologia afloram, nascem gradualmente as inumeráveis ilhas e continentes dos sistemas ideológicos: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas.

Todo discurso que pronunciamos é um acontecimento, um ato ideológico, e o que nos leva a isso não deixa de ser uma criação ética e estética. Os acontecimentos discursivos do dia a dia são embriões ideológicos que irão propiciar a formação dos campos ideológicos oficiais. É um movimento dialético e ambivalente, no qual se estruturam as camadas sociais e econômicas de dada comunidade. Bakhtin (2017, p. 89) propõe que essa ideologia se desenvolve no cotidiano em dois níveis (elemento ideológico instável), quer seja no discurso interior — nossos pensamentos — ou no discurso exterior (elemento ideológico mais organizado), que dá forma e cristalização para a ideologia oficial (ou dominante). Tanto a ideologia do cotidiano ressoa na ideologia oficial como, num caminho inverso, essa ideologia dominante também perpassa a ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2017a, p. 88). É neste movimento dialético, ora pacífico, ora tenso, que a vida verboideológica se desenrola constituindo as esferas discursivas (familiar, jurídica, política, jornalística etc.).

Uma vez que a língua é viva, pois ela é o material sgnico que transita nas relações sociais, não podemos desconsiderar seu caráter plurilinguístico, suas variações de uso, pois

[...] em cada dado momento histórico da vida verboideológica, cada geração tem sua própria linguagem em cada camada social; ademais, toda idade tem, em essência, a sua linguagem, seu vocabulário, o seu sistema de acento específico que, por sua vez, variam dependendo da camada social, da instituição de ensino (a linguagem de alunos da escola militar, do realista e de colegiais são linguagens diferentes) e de outros fatores estratificantes. Tudo isso são linguagens sociotípicas, por mais estreito o seu círculo social. (BAKHTIN, 2015, p. 65)

Todo discurso é um elo na ininterrupta cadeia verbal da corrente comunicativa (BAKHTIN, 2006), e para depreendermos os seus sentidos, precisamos ligar os inúmeros fios dialógicos que são tecidos na materialização discursiva. É um ciclo de idas e vindas ao objeto que já está marcado pelas apreciações discursivas anteriores, pelos tons que já lhe foram imprimidos, pelos pontos de vista, pelos juízos de valor. A vida verboideológica se estabelece na tensão dialógica com os discursos outros e são elas que propiciam aos sujeitos estabelecerem os efeitos de sentido (BAKHTIN, 1988, p. 86). Fora do contexto que o circunda, o discurso é um vazio de sentido, nada mais do que um material verbal e/ou não verbal sem nenhum sentido, sem cor nem perfume (VOLOCHÍNOV, 2013).

O fundo aperceptível, ou seja, tudo que rodeia e dá base para o discurso (o contexto como um todo, para além do linguístico) irá imprimir os efeitos de sentido que estão na base do projeto de dizer do locutor. A entonação, os gestos, as expressões faciais, o contexto histórico, tudo isso que está permeando o discurso é de suma importância para que esse seja ativamente compreendido e respondido, pois todo discurso ativa uma resposta, seja de imediato, seja tardiamente; seja em voz alta, seja no silêncio (BAKHTIN, 2006).

Assim, cada discurso é um acontecimento irrepitível: mesmo que seja retomado na íntegra, o “projeto de dizer” (BAKHTIN, 2006) do locutor já se renovou (BAKHTIN, 2006; VOLOCHÍNOV, 2013, 2017). Como exemplo podemos pensar na situação de uma pessoa dizendo à outra “Que horas são?”; nesse momento histórico a intenção discursiva básica é saber as horas (não adentraremos aqui nos possíveis propósitos da pergunta). Supomos que o interlocutor não tenha entendido ou escutado a pergunta e replica “O que você perguntou?” e o locutor retoma a pergunta “Que horas são?”. Nessa retomada, por mais que os elementos significantes da língua — estrutura linguística — sejam os mesmos, o discurso já traz outro efeito de sentido, outro projeto de dizer que passa a ser o desejo de que sua pergunta seja compreendida, para, então, poder ser respondida.

A dialogia, como dito anteriormente, é uma premissa para a arquitetura dos discursos, que tanto se concretiza nas relações que os discursos estabelecem com outros discursos quanto a relação que se dá entre os interlocutores da interação verbal (BAKHTIN, 1998, 2006; VOLOCHÍNOV, 2013). É o dialogismo que dá vida à língua e a transporta para o campo do discurso. Portanto, para compreendermos um enunciado, precisamos extrapolar as fronteiras da

materialidade discursiva e adentrar nos vários caminhos que foram percorridos para se chegar até a sua concretização.

Sob essas perspectivas, levando também em consideração as palavras de Bakhtin (2017a) de que a ideologia dominante perpassa a ideologia do cotidiano, procuramos nos utilizar do gênero meme, e das construções de discursos multimodais que podem surgir a partir deles, para refletir sobre como a ideologia do cotidiano também pode vir a ressoar na ideologia oficial, principalmente ao trazê-la para discussões dentro da sala de aula.

Mememes e sua expressividade nas redes sociais

Na era contemporânea, com o império da internet (FURTADO, 2019), vemo-nos cercados pela utilização da tecnologia que cada dia domina mais nossas vidas. A capacidade de adaptação dos sujeitos inseridos nessa era do espetáculo é, de fato, uma nova maneira de se portar no mundo. A grande maioria dos sujeitos utiliza as redes sociais em vários momentos do seu dia a dia e, mesmo virtuais, elas passam a fazer parte de suas realidades, como apontam Araújo e Leffa (2016):

Na virtualidade, as redes sociais têm uma natureza diferente e criadora de coisas, sem ponto claro de entrada ou de saída. Elas cobrem tudo o que existe em todas as áreas da atividade humana, tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade, invadindo o espaço e o tempo. Se por um lado, parecem reproduzir algo já existente, por outro, as redes fazem também emergir uma realidade diferente, transformando aquilo que pensamos conhecer (p. 15).

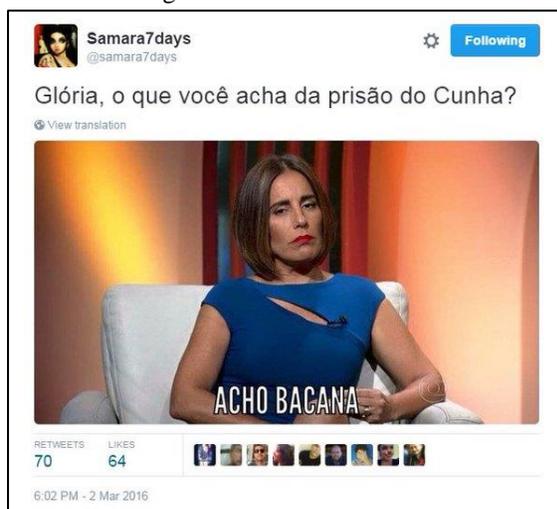
A rapidez com que os discursos invadem as redes sociais, desestabilizando o espaço-tempo, cria um cronotopo desordenado devido ao seu alto grau de replicabilidade proporcionada pela web 2.0 e possibilita uma mistura de variados discursos num movimento dialógico constante. E isso nos remete ao que Furtado (2017) chama de *liquidez discursiva*: os discursos são líquidos não por não terem consistência, mas por não se prenderem mais aos sólidos formatos, às sólidas práticas. Eles tornam fluidas muitas das dinâmicas discursivas que se encontram no dia a dia da sociedade que são “desestabilizadas pela rapidez com que novas possibilidades estilísticas são pontencializadas pela internet, influenciando na atividade discursiva” (FURTADO, 2017) e na agilidade com que os discursos preenchem as redes sociais propiciando grande quantidade de discursos que renovam, a cada segundo, o acervo discursivo disposto na rede.

O entrelaçamento de vários matizes semióticos (verbal, visual, sonoro etc.) encontram-se presentes nesses enunciados concretizados nas redes sociais, apesar de a forma composicional mais

comum ser o entrelaçamento da linguagem verbal e da imagética na maioria das ocorrências, inclusive ganhando movimento, como ocorre nos *gifs* e nos vídeos. Nesse cenário, os memes se sobressaem por terem a fluidez como ponto de destaque em sua materialização discursiva. Assim, eles salientam a questão da tese bakhtiniana de que os gêneros são relativamente estáveis, ainda que possuam três elementos indissociáveis: o conteúdo temático, o estilo e forma composicional (BAKHTIN, 2006).

Os memes são um exemplo desses novos gêneros que advêm da liquidez discursiva promovida pelas redes sociais numa sociedade que valoriza as imagens promovendo a espetacularização. Eles assumem, cada dia mais, um papel importante na cadeia discursiva, se tornando atores de cenas sociais e desempenham um papel social ao se imbricarem na corrente discursiva. Os jovens/adolescentes constroem memes para expressar suas opiniões e emoções sobre algum acontecimento político-social, ou, simplesmente, como uma forma de dizer, como réplicas em seus diálogos do cotidiano, fugindo do enunciado verbal tradicional. Mesmo não se atendo a regras tão rígidas, as características mais notáveis dos memes são a criatividade, a ironia e o humor. Vejamos um exemplo:

Imagem 1 – meme Glória Pires



Fonte: acervo pessoal

Esse meme advém de uma postagem no *Twitter*, uma das redes sociais que mais produz e propaga os memes. O projeto de dizer desse meme (Imagem 1) dialoga com uma situação de enunciação passada, quer seja, a atriz Glória Pires como comentadora do Oscar 2016. Na opinião da maioria das pessoas, foi um momento de vergonha para a atriz. Ela assumiu que não havia

assistido aos filmes mais importantes e demonstrou não ter conhecimento técnico e nem artístico para tecer os comentários quando era solicitada pelos outros colegas comentadores. Esse fato gerou vários memes na época.

Aproveitando-se dessa situação, o autor desse meme fez uma imbricação dialógica com a prisão, em 19/10/2016, do então presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, e cria seu discurso como se estivesse perguntando para a Glória Pires o que ela acha da prisão do deputado. Assim como ela fez em relação às perguntas durante a transmissão do Oscar, a atriz responde de maneira evasiva e sem fundamentação: “Acho bacana”.

Num retorno a um elo da cadeia discursiva (BAKHTIN, 2006), o enunciador retoma um discurso anterior e o ressignifica imprimindo um “procedimento irônico” que, segundo Brait (1996), “multiplica suas faces e suas funções, configurando diversas estratégias de compreensão e representação do mundo”. O fundo aperceptível se complementa com a expressão facial da atriz, captada num instante em que ela franze a testa, abaixa os olhos, e demonstra a incerteza com que constrói suas respostas, reforçando a importância da imagem na construção composicional do discurso.

Passemos para mais um exemplo:

Imagem 2¹ – meme Power Ranger Rosa



Fonte: acervo pessoal

Esse meme se insere no contexto das trocas dialogais cotidianas no momento concreto de enunciação. Ele funciona como uma réplica do diálogo cotidiano fugindo do tradicional “enunciado verbal”. Em meio a uma interação verbal, ele pode ser trazido à interlocução em resposta a algum outro enunciado concreto. Interessante pontuar que a maioria dos memes, principalmente os

utilizados pelos mais jovens, compõem-se por imagens já estabelecidas dentro de seus universos, imagens *espetacularizadas* na medida em que são consagradas por essa geração. Esse, por exemplo, numa relação dialógica, traz a imagem da *Power Ranger Rosa* — personagem feminino de programa infanto-juvenil popular na década de 90 no Brasil — que virou um fenômeno no mundo dos memes na atualidade, com uma grande gama de discursos protagonizados por ela. Na imagem, a personagem faz um gesto com as mãos insinuando um acordo tratado com outro personagem do seriado, e o enunciado verbal “Fechô, Adorei!” serve para completar um discurso, ratificando um acordo entre as partes.

Na maioria dos memes, não há uma preocupação com as regras gramaticais, a escrita é mais solta, sem muitas amarras. O importante é que haja a compreensão e que sejam apreendidos os seus efeitos de sentido advindos do projeto de dizer do autor. Podemos observar esse “relaxamento” pela utilização da conjugação do verbo fechar no pretérito perfeito, marcando sua desinência de tempo com o acento circunflexo na vogal “o”, e não com o morfema “ou”, em “fechô”, e pela utilização da vírgula ao invés do ponto, e da letra maiúscula na palavra “Adorei” sem que ela esteja no começo da frase. Além do apelo visual, com tal escolha gráfica, aproximada da oralidade, os memes criam um efeito de sentido no imaginário dos interlocutores, que conseguem até se imaginar no lugar dos personagens.

O que chama a atenção nesse gênero discursivo é a capacidade de construção de discursos verbovisuais, em que a utilização da imagem é carregada de sentidos (espetacularização do dizer), e os interlocutores que não compreendem de onde vem aquela imagem, qual é o contexto que a circunda, não se atém ao fundo aperceptível, muitas vezes não vão apreender os efeitos de sentido intencionados, ficando na superficialidade do discurso ou até mesmo no não entendimento do discurso como um todo de significação e sentido.

Ter um olhar crítico para o que está acontecendo à sua volta é de suma importância para que o aluno se coloque *na* e *para* a sociedade como um cidadão capaz de opinar e de deixar marcado seu posicionamento frente às questões que abarcam o seu envolvimento. E é isto que podemos ver nos memes: numa sociedade espetacularizada, o que acontece na esfera social e política vira rapidamente um fenômeno discursivo irônico nos memes circulantes nas redes sociais.

Os memes em sala de aula: uma proposta de letramento

Com a tecnologia digital permeando praticamente todo o dia a dia de muitos sujeitos e os fornecendo acesso a grande parte do mundo via internet, a educação atual se vê numa situação em que é preciso se tornar mais atrativa para os alunos, que, muitas vezes, já não veem a escola como um lugar de novas possibilidades, muitas vezes devido ao enraizamento de suas práticas, em sua grande maioria, ainda pautadas em velhos processos de ensino e aprendizagem.

Novas práticas precisam ser adotadas no chão da escola, para além da sala de aula; é preciso que exploremos outros ambientes dentro da escola (sala de informática, pátio, biblioteca são exemplos desses outros lugares do saber) e fora dela também, de forma que os alunos circulem e usufruam de espaços múltiplos, a fim de despertarmos neles novas sensações e, assim, estimularmos a criatividade e a participação no processo de seus próprios letramentos.

Estando na era digital, em que a internet impera, e sabendo que as práticas de letramento necessitam ser repensadas como novas possibilidades de ensino e aprendizagem, Furtado (2019) esclarece que várias pesquisas na atualidade expõem discussões também sobre *letramento digital* (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005), orientando que esse conceito consiste em apenas *uma* das práticas de letramento (STREET, 1984), tão largamente revistas, e que o letramento digital alcança as relações dos sujeitos com as práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos.

Portanto, um ponto que continua precisando de destaque, conforme já temos salientado, é o da utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no ambiente escolar, já que estamos inseridos numa era tecnológica que incentiva, a sua maneira, à produção de discursos. Isto é, dentro dessa nova cultura discursiva que emana da vida verboideológica das redes sociais, Furtado (2017) defende que a leitura e a escrita são muito mais incentivadas, pois os alunos que antes se restringiam praticamente a escrever apenas na esfera escolar já se destacam na produção discursiva: estão a todo tempo com seus *smartphones* nas mãos, interagindo pelo *WhatsApp*, postando no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, e se relacionando em outras redes sociais que fazem parte de seus cotidianos.

Nesse sentido, e pensando na inserção dessa cultura discursiva na escola, lembramos Furtado (2019), que nos explica sobre o conceito de *letramento crítico*, o qual nos remete a uma série de princípios educacionais e nos leva ao desenvolvimento de práticas discursivas de construção de sentido, a fim de incluir uma consciência de “como”, “por que”, “para quê” e

segundo os interesses “de quem” alguns textos em particular funcionam. Para Zacchi (2014), isso significa trabalhar com o conhecimento sendo incorporado pelo sujeito aluno a partir de práticas contextualizadas, dando sentido ao discurso de forma múltipla, sempre ligado à situação de comunicação em que ele é veiculado e interpretado.

Nesse contexto em que a sociedade do espetáculo se desponta, vivemos agora a promoção da imagem como uma forma de fascínio entre os sujeitos. Como revela Mizan (2014, p. 271), hoje a sociedade produz e consome as imagens como jamais o fez, o que nos leva a considerar que somos muito mais visuais do que verbais, por assim dizer. Talvez por essa razão, também, Ferraz (2014), ao trazer alguns pontos da pedagogia freireana, incita-nos a repensarmos a educação do tipo bancária, na qual os alunos são bancos de depósito de conhecimento, e voltarmos-nos para uma educação mais crítica.

Neste contexto, o autor relembra seus estudos sobre o *letramento visual*, e percebe a imagem como ativadora de problematizações que provoquem “sentidos, interpretações, rupturas e mudanças em seus leitores e na sociedade” (p. 261). Ferraz (2014, p. 259) nos propõe também considerarmos as imagens nas “interseções da materialidade e abstração”. Ou seja, o autor defende que, ao termos acesso a uma imagem real, podemos nos projetar mentalmente para uma outra situação.

Vejamos um exemplo didático disso⁵: mostrar aos alunos várias imagens reais e chocantes sobre acontecimentos ao redor do mundo, e pedir para que eles tentem associá-las a alguma sensação ou situação vivida por eles mesmos. Trata-se de um envolvimento do aluno numa atividade crítica por intermédio da linguagem, que, segundo Motta (2008), embasa-se em questionamentos das relações de poder, das representações presentes nos discursos e na identidade, e também das implicações que isso pode trazer para o indivíduo em sua vida em comunidade. Com isso, pode-se propiciar uma compreensão ativa e responsiva, como nos indica o Círculo de Bakhtin, aos enunciados visuais das imagens, e trabalhar de forma a incentivar o pensamento crítico do aluno.

Motta (2008) ainda propõe que “as imagens como construção da realidade social e como domínios poderosos da vida pública se fazem essenciais para os educadores e educandos que desejam ir além do paradigma do impresso, da visão linear” (p. 265). Coadunamos sua ideia de que a premissa fundamental do letramento visual é ensinar por meio de (e juntamente a) imagens, num

⁵ Os créditos desse exemplo devem ser dados ao professor Daniel Ferraz (USP).

movimento dialógico, costurando as várias possibilidades de sentido, com o intuito principal de fugir da concepção de sentido único. Maciel e Takaki (2015) também nos direcionam para esta multiplicidade, para as “rupturas” de sentidos:

A ideia de ruptura significa elaborar interpretações diferentes daquelas já consagradas, historicamente, por certos grupos sociais de prestígio do mundo ocidental. Um exemplo disso ocorre quando se assume radicalmente que o ensino de línguas somente ocorre partindo da estrutura e vocabulário de forma descontextualizada, a exemplo de exercícios com frases isoladas em que o aprendiz deve preencher lacunas com artigos, pronomes, tempos verbais, só para ficar nesses casos. Essa visão de exercício se fundamenta no estruturalismo por conta d[e]este ter consagrado o conceito de linguagem como algo fixo, estático independentemente de qualquer contexto e processos históricos. Um exemplo de ruptura nesse habitus crítico é justamente o reconhecimento de que a natureza da linguagem é maleável, paradoxal e, portanto, passível de constantes transformações e reinterpretções, conforme aponta Bakhtin (1999). (MACIEL; TAKAKI, p. 61)

Dessa forma, pensar os letramentos através de imagens nos oferece a possibilidade de nos aproximarmos mais do universo cotidiano dos nossos alunos, mais uma vez respaldando a proposta de letramento digital-visual-crítico. Além disso, seguindo Bakhtin (2006, 2017), propiciamos o não apagamento do sujeito/aluno, e incitamos neles sua subjetividade singular, a depender do horizonte social ao qual está inserido, e de um projeto de dizer mais ativo e responsivo.

A interpretação de textos é uma tarefa comum no cotidiano escolar. Porém, muitas vezes o texto/discurso é pensado apenas na superficialidade. De forma a ampliar essa compreensão, sugerimos que seja extraído dele indícios do projeto de dizer, isto é, que se busque compreender o todo da enunciação, seu momento histórico e o posicionamento ideológico em que o locutor se encontra, seu *locus* de enunciação e o fundo aperceptível. A proposta que exporemos aqui é a análise de dois memes que tomamos como exemplo, a partir do momento histórico em que este artigo foi concebido. Contudo, queremos que seja vista como uma das inúmeras possibilidades que se tem a partir desse novo gênero discursivo, que tem a liquidez como ponto chave.

Passemos, então, para a prática de letramento a que estamos propondo, quer seja, a análise de dois memes para além da superfície material, ou seja, a intenção é de que a compreensão seja ativa e responsiva, provocando uma leitura crítica. O tema dos memes contempla um contexto sócio-histórico muito querido por brasileiros: a última Copa do Mundo de Futebol (de 2018). Para tal, vejamos esses memes e a proposta de trabalho (contendo alguns questionamentos) elaborada por nós, professoras-pesquisadoras:

Imagem 3ⁱ – meme Tite jogando Twister no jogo contra a Costa Rica



Imagem 4ⁱ – meme Neymar utilizando andador infantil para não cair



Fonte: acervo pessoal.

Proposta de compreensão

- *Qual é o momento histórico (o contexto) em que foram produzidos esses memes? De que forma a historicidade influencia no todo discursivo?*
- *Quais relações dialógicas se fazem presentes de forma explícita? E implicitamente, quais discursos podemos perceber que perpassam esses meme?*
- *As imagens foram escolhidas aleatoriamente? Qual a “força” que as imagens representam na nossa sociedade do espetáculo? E qual efeito de sentido ela depreende em cada meme?*

- *O discurso é composto por uma parte verbal e outra não-verbal. Quais são os fios dialógicos que fazem dessas partes um todo discursivo?*
- *Quais as relações dialógicas podemos perceber entre os memes?*
- *A expressão no rosto da personagem do meme 2 nos diz alguma coisa? Podemos dizer que ela faz parte da dinâmica discursiva que imprime sentido ao discurso?*

Depois das propostas de reflexões acima (e outras que podem ser criadas pelo professor ou surgir no acontecimento da aula), sugerimos também partir para a parte da criação/produção de memes, seja com o mesmo contexto histórico utilizado ou outro atual, para serem compartilhados e refletidos posteriormente também. Como por exemplo:

- *Escolha um acontecimento atual, seja na esfera política, jornalística, religiosa, entre outras e elabore um meme (no computador, numa folha de papel, onde for possível). Lembre-se das características desse gênero discursivo, que tem o humor irônico como premissa básica.*

Com isso, é possível trabalhar múltiplos letramentos (não só visual e crítico, mas também digital, entre outros). Não é nossa intenção aqui dar as respostas para as perguntas acima, mesmo porque não há “uma” resposta certa, mas sim discursos que surgirão no embate estabelecido pela compreensão a depender de cada horizonte social do sujeito interlocutor que dialoga com esses discursos, no caso, os memes (Imagens 3 e 4). Pensar numa proposta de letramento que possa chamar a atenção dos adolescentes e jovens da contemporaneidade não se mostra como tarefa fácil. No entanto, quando trazemos para a sala de aula uma proposição que atrai os alunos por já fazer parte de seus cotidianos, as possibilidades de sucesso no que se refere ao ensino e aprendizagem se intensificam. Dessa forma, explorar os memes no ambiente escolar pode possibilitar um maior interesse do alunado em produções discursivas diversas.

Últimas considerações

Sabemos que muito do que pode acontecer em sala de aula está “inicialmente” nas mãos do professor. É ele/a quem geralmente decide as estratégias de ensino, e confere, então, os resultados de aprendizagem (ou não) de seus alunos. Concordamos que tal missão é de grande responsabilidade e, muitas vezes, outras questões limitadoras como a falta de recursos da escola,

ou falta de tempo e incentivos para planejamento, entre outros apontados por Furtado (2019), fazem com que o professor escolha o mesmo modelo de ensino “de sempre”, aquele que já funcionou com outro grupo (ou não... “quem sabe funcione agora”). Com isso, muitas vezes obtemos aulas como o meme abaixo explicitamente descreve:

Imagem 5ⁱ - meme proporção dos alunos em sala de aula



Fonte: acervo pessoal

Os tempos mudam, e acreditamos que as aulas também deveriam acompanhar essas mudanças, e suas novas formas de ser e de ver o mundo ao nosso redor. Quando refletimos sobre o que não tem sido atualizado, porém, sempre esbarramos na questão de qual seria o papel do professor e, em especial, do professor de línguas, assim como o papel da escola. Como pesquisadoras-professoras, consideramos que, ao propor aos nossos alunos uma compreensão de discursos em seu acontecimento social dialógico, considerando seu momento histórico e o posicionamento ideológico dos interlocutores da atividade discursiva, favorecemos um letramento que possa levá-los à criticidade e à possibilidade de se inserir de forma mais participativa na escola e, conseqüentemente, na vida em sociedade.

Os memes, por sua vez, mostram-se como uma possibilidade para se trabalhar com discussões contemporâneas nas mídias e redes sociais, e contribui, assim, para propostas de letramentos, pois vêm carregados de significações em seu projeto de dizer. Além disso, por fazerem parte do cotidiano de nossos alunos, os memes podem despertar grande interesse neles, proporcionar maior participação nas aulas, nas interpretações e produções escritas e imagéticas,

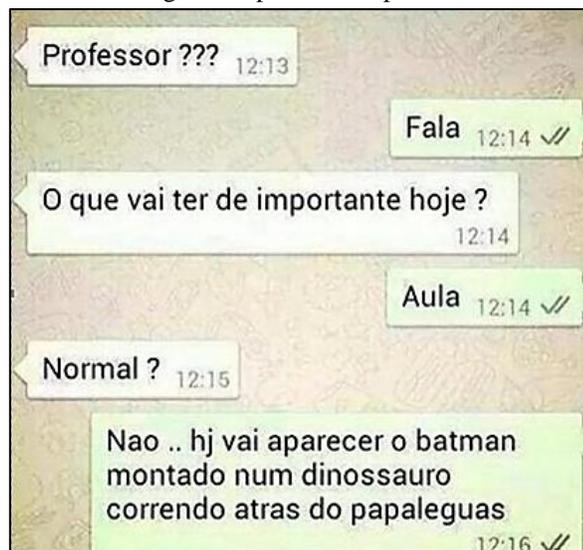
principalmente ao perceberem que suas práticas discursivas cotidianas estão sendo levadas em consideração no ambiente escolar.

O que mais nos chama a atenção nesse gênero discursivo, portanto, são os efeitos de sentidos que são construídos a partir de situações de uso. Sejam como réplicas dialogais, sejam como crítica social, eles costumam despertar no interlocutor um impacto, coadunado com a linguagem coloquial utilizada nas conversas informais do dia a dia, fazendo da escrita nas mídias uma “fotografia ou cena memetizada” do que o escritor projetou dizer no acontecimento discursivo do diálogo com seu(s) interlocutor(es).

Assim, sugerimos o uso de discursos midiáticos nos formatos verbovisuais com os quais os discentes já estejam familiarizados, haja visto a proporção que tem ganhado a discussão sobre a Sociedade do Espetáculo, como apontada por Furtado (2017), sobre a questão de que “os discursos circulantes nas esferas midiáticas se impregnam de uma força produtiva na qual interagem estratégias discursivas e a sensibilidade ativada pelas imagens”.

Acreditamos que, ao trazermos toda essa “força” que se faz presente nas imagens no século XXI para dentro da sala de aula, podemos expandir a possibilidade de um aprendizado mais rico, mais interessante, que venha a despertar um maior encanto em nossos alunos, assim como a produção de discursos mais críticos. Quem sabe assim teríamos aulas “ironicamente mais espetaculares” (quanto ao ensino-aprendizado), sem precisar de “apelar”, como o professor deste meme final a seguir:

Imagem 6¹ - professor espetacular



Fonte: acervo pessoal

Referências

ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética.** São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Marxismo e filosofia de linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. **Teoria do romance I: a estilística.** Tradução, prefácios, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **O freudismo: um esboço crítico.** Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017a.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017b.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Vida líquida.** 2. edição revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRAIT, B.; **Ironia em perspectiva polifônica.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DAWKINS, R. **O gene egoísta.** Tradução de Rejane Runino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: ed. Contraponto, [1967] 1997.

FERRAZ, D. Letramento Visual: as imagens e as aulas de inglês. In: MACIEL, R. F.; TAKAKI, N. H. (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

FURTADO, R. Paródia e carnavalização em memes “Fora Temer”: analisando a Liquidez Discursiva do século XXI. **Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN.** 2017.

_____. **Diálogos do Cotidiano e Memes**. 2019. 2019 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

MIZAN, S. Letramento visual na mídia. In: MACIEL, R. F.; TAKAKI, N. H. (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

MOTTA, A. P. F. **O letramento crítico no ensino/aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva docente**. Londrina, 2008.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge; New York and Melbourne: Cambridge University Press, 1984.

_____. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, v. 5. ed. 2, p. 77-79, 2003.

_____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. [CÍRCULO DE BAKHTIN]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZACCHI, V. J. Novos letramentos e cosmopolitismo na formação de professores de línguas estrangeiras. In: ZACCHI, V. J.; STELLA, P. R. (Orgs.). **Novos letramentos, formação de professores e ensino de língua inglesa**. Maceió: 2014. p. 137-160.

Recebido em: setembro de 2019.

Aprovado em: novembro de 2019.